

A POESIA VIVA ACAMPA

Alai Garcia Diniz



Fotos: Roberto Bruno Fabiano

Dum lado, o colchão de dormir, embaixo do braço, o projeto *Poesia Viva*. Lá ia eu sozinha tentar descobrir num acampamento os trovadores e cantadores e fomentar um espaço para a criação do texto poético convertido em oralidade.

Dos dezessete estudantes que iam no ônibus, eu conhecia apenas um “quase profissional”, porque o afastamento de quatro anos para o doutorado na USP retirara-me de circulação na Universidade Federal. Quando eu dizia *Poesia Viva*, a conversa morria ali. Seguramente o nome soava, no mínimo, raro. O

certo é que, entre os quatorze projetos enviados pelo Movimento Universidade Popular (MUP), o meu ficara entre os sete escolhidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) para ser implementado durante a semana de 26 a 30 de janeiro deste ano, no oeste de Santa Catarina.

Mal subiu no ônibus, na Enseada do Brito, Geraldo perguntou se já havíamos preparado algum canto de chegada no acampamento. Olhei espantada. Com todo o dinamismo daqueles estudantes, ou mesmo de nós — os dois professores que participávamos daquela expedição — realmente não tinha havido nenhuma discussão sobre o

momento da chegada. Agradei a lembrança e aproveitei para me apresentar a Geraldo — de profissão pedreiro — e aos cinco novos integrantes que não eram da Universidade Federal de Santa Catarina, mas pertenciam ao MUP, movimento que congregava entidades de bairro da Grande Florianópolis. Seu Luís, *expert* em minhocas, também da Enseada do Brito, ofereceria uma oficina sobre húmus.

Ao ser elogiado pela idéia de que o grupo de estagiários inventasse um canto para chegar demonstrando alegria, retruca Geraldo:

— *É que sou analfabeto, sabe, mas pensamento quem foi que disse que eu não tenho!*

Encafifada com essa preocupação de Geraldo, elaborei algumas palavras de ordem, uma paródia do canto de entrada da cantata popular chilena “Santa Maria de Iquique”, de Luis Advis. Outros lembraram algo mais e lá fomos nós para a experiência inusitada, já nos reconhecendo como um coletivo que tínhamos de caracterizar à chegada no acampamento. Foi no ônibus que soube o nome do acampamento para onde iríamos: Dissenha, em Abelardo Luz. Êta nominho feio! Só rima pauperrimamente com senha, acho eu. Fazer o quê?

Em janeiro de 1997, os estudantes já haviam feito a experiência de vivenciar um assentamento e foram adotados um a um por famílias de assentados para colher pepinos e dialogar sobre a experiência do movimento... Isso me lembrava as brigadas estudantis que nos anos sessenta e setenta também iam à Cuba cortar cana e beber a garapa do socialismo recém-instalado. Tudo na clandestinidade, é claro!

Depois de dez horas de viagem, surge a primeira indicação de que nosso destino estava próximo: a entrada do município de Abelardo Luz. A partir daí teríamos de afinar a visão porque no quilômetro 14 da rodovia que segue para Palmas, o ponto referencial na mata era só o estandarte vermelho do MST.

Embora os olhos buscassem o sinal da bandeira à esquerda como nos foi dito, ela acabou surgindo em meio à mata, à direita. A idéia de lateralidade nunca deixou

de depender do ponto de vista de quem informa, e por telefone nem sempre os espaços se definem.

A partir da bandeira, um novo desafio começava para quem se acostumara a uma vida urbana. O ônibus nos deixou à beira da estrada com os colchões de dormir, as mochilas, as doações em roupas e alimentos e ainda a tralha das oficinas de Educação Ambiental, Nutrição, Saúde Pública, Minhocultura e *Poesia Viva*.

Chegar até a guarita foi um pulo com a ajuda da equipe que fazia a segurança do acampamento. Até onde pude perceber, eram seis ou sete homens munidos de garra e músculos.

Dali do asfalto já se avistavam as lonas pretas de uns vinte barracos numa encosta cheia de árvores sábias em sua antiguidade, distante uns quinhentos metros dali do ponto estratégico em que fomos deixados. A garoa facilitava a descida até o centro do acampamento e houve ajuda de outros acampados com a carga. Descíamos embalados, cantando a paródia ou improvisando a palavra de ordem:

— *Qual é a senha que o sonho agrupa?*

— *Dissenha! Dissenha!*

Por aqui vinham nos encontrar uns olhinhos na entrada das barracas que, em geral, não tinham o luxo das janelas e por ali uma mão tímida respondia ao aceno. E eu já eufórica não berrava mais na Avenida Ipiranga, de encontro aos cavalos em 1968... ou na Paulista da década de oitenta, nas greves da Apeoesp que ainda conseguiam reivindicar um salá-

rio digno aos professores da rede pública... Aos solavancos e meio “Soroco” (personagem do conto “*Soroco, sua mãe e sua filha*”, de João Guimarães Rosa), a gente berrava era ali mesmo no meio do morro, dos pedregulhos e da terra vermelha.

Já num barraco de reuniões, cuja única mobília eram os bancos em fileiras que contornavam as laterais, Neri, um dos líderes de olhos verdes e espáduas largas compondo suas raízes na imagem de imigrante italiano, nos deu as boas-vindas, aproveitando para retificar a nomenclatura de nosso canto de chegada. “Dissenha” era o sobrenome da família de latifundiários que possuíam aquelas terras e delas só extraíam as madeiras de lei. Com a ocupação em 8 de junho de 1997, o MST renomeou a área de “Oziel Alves Pereira”, em homenagem ao jovem de 17 anos, morto sob tortura em Carajás.

Neri também nos informou sobre os meandros institucionais em que se debateu a desapropriação da área que ainda não se efetivara e a proposta que o MST fazia ao Incra de “coletivão”, em que os assentados se propunham a trabalhar em um projeto auto-sustentável de produção com a preservação da mata. Ali só ficariam duzentas famílias, sem a divisão tradicional de lotes. Com vistas a um mercado complexo, como o da agricultura brasileira, a organização em agrovila objetivava contrapor-se à limitação do pequeno agricultor que, às vezes, era obrigado a abandonar a terra devido a uma política rural que beneficiava o grande produtor.



Terra e sertão

Sou sem-terra, sou pequeno produtor rural.
Sou daqueles que pra passar o tempo canta
e sei que se os da roça não plantar
os da cidade não hão de jantar.
Sou daqueles que faz roça grande
pelos matos que se expandem
neste Brasil sem fim.
Sou sem-terra, sou lutador
por reforma agrária.
Sou daqueles que trabalha
para uma terra conquistar,
mas tenho fé em Jesus Cristo
que com meu esforço e sacrifício
um dia ele há de me dar.
Sou sem-terra
sou pequeno roceiro
que trabalha
o dia inteiro
pra ter o que comer.
Mas tenho certeza
de que até não sair
reforma agrária
Vou lutar até morrer.
Paulo César da Costa, 13 anos.

Veio a calhar o pequeno histórico da ocupação da área com as agruras do inverno e do estado de desnutrição das crianças do acampamento. Havia até pouco tempo investidas noturnas dos pistoleiros e num domingo se aproveitaram até do momento de descontração em que se improvisava um vaneirão para dar início a um acirrado tiroteio. Por isso este tipo de diversão tinha sido abolido temporariamente... até nós chegarmos... porque no dia 25 de janeiro apla-namos a “ágora” com um arrastapé catarina.

Ainda na manhã do sábado, decidiu-se sobre a alimentação dos estagiários, em grupos de três, por núcleo de famílias. Esta forma or-

ganizativa do acampamento torna vivo o agrupamento por vizinhança, centralizando assim desde tarefas primárias como as equipes de segurança que se revezam na guarita de seis a oito horas ou no pernoite (cinco horas por grupo), à distribuição de alimentos, como a questão do banheiro único (patentes com fossas abertas) a cada dez famílias.

Ao todo eram dezenove núcleos e as reuniões dos líderes eram diárias e só os informes mais gerais (espécie de “Hora Nacional”) eram chamados à “assembléia” — praça do acampamento com o toque da ponta do machado na lâmina do arado. Béim! Béim!

Daí vem a brincadeira de Paula Salvattori, 4 anos, vizinha do nosso

barraco (o das mulheres) que vivia subindo num tronco deitado e gritava: “Assembléia”, com o braço no alto, discursando algo que essa surdez típica de adulto não conseguia captar. Decerto ela pediria para todas as crianças do acampamento ficarem de olho naquelas rugas (taturanas) grudadas nas árvores que só de relar, algumas horas depois, o piá começava a pôr sangue pelo nariz, ouvidos e boca até morrer. Talvez Paula pedisse uma casa que tivesse telhado, porque a lona fura logo e empoça a água da chuva e cai sem dó nas tarimbas, no corpo a qualquer hora, sem aviso...

A chuva num acampamento tem o dom de mudar a programação. O planejamento indicava que

todos os recém-chegados ajudariam na cobertura e arranjo dos barracos para abrigo de tanta gente. A equipe de trabalho dos acampados eram uns dez homens, mas, por causa das chuvas, não tinham ido ao mato recolher as taquaras para as tarimbas.

Confesso que tentei ser útil na cobertura dos barracos, nas tarimbas — parte mais alta dentro do barraco, coberto de taquaras em forma de estrado para os colchões. As esteiras serviam para ajudar nos fechamentos laterais e para o telhado e a concepção do trançado. Era, sem sombra de dúvida, herança indígena: Xokleng ou guarani?

Sob a chuva que dava para molhar, foram cobertos quatro barracos para alojar uns trinta estagiários que iam chegando dos assentamentos. Hora de comer, comer! E o almoço na casa de Paulo Walendorf Moura e sua irmã Maria constou de charque, arroz, feijão, macarrão e muita prosa.

O pai tinha umas terras nuns morros mas não chegava para os oito filhos e a dívida com o banco inviabilizara o futuro do clã. Eram filhos de pequenos proprietários e entre um chimarrão e outro mostravam-se dispostos a ocupar outra terra improdutiva, porque ali seria um projeto diferente — “o coletivão”.

— *“A gente tá lutando para tocar uns lotes entre três irmãos. Aqui no Oziel a idéia é trabalhar tudo junto. Capaz que dá certo!”*

Em geral, nos núcleos, há gente que sai do acampamento pra debulhar milho ou outras empreitadas que é obrigada a fazer pra ganhar

algum sustento. As crianças menores têm leite e sopa na creche e os adultos recebem farinha de trigo, de mandioca, arroz e feijão e macarrão do MST. Mas a banha, a vela, o açúcar, o sabão, o pão ficam por conta de cada família. A plantação de milho rodeava os barracos na parte sul até a sanga.

Embora o Movimento Universidade Popular tenha levado víveres e doações e até dinheiro, como parte do projeto, as famílias ainda não tinham recebido nada nos primeiros dias. Por isso, eu me sentia um peso a mais naquele mundo de carências e pensei em minorar isso através de uma atitude individual. Como há um armazém central do MST, que vende desde pilhas até doces, fui até lá e comprei ovos, café e açúcar para contribuir. Outros também tiveram esta idéia, mas na reunião dos estagiários do dia 25 houve crítica por parte da cúpula e da direção do acampamento por estas ações isoladas.

Um mundo regido pela organização exibia outras leis saudáveis como a da lei seca, que, para quem já teve contato com o estilo anglo-saxão, não agride tanto. No acampamento não entrava bebida alcoólica. Quem quisesse tomar umas e outras teria de sair e voltar sóbrio porque na terceira autuação era literalmente expulso do Oziel. Este método passou a existir por precaução a partir de uma problema concreto e servia para evitar a marginalidade no interior do movimento.

Para a moçada, a mais difícil das regras estabelecidas não parecia a lei seca, salvo raríssimas exceções (um casal jovem que, impedidos de

ocupar a mesma tarimba à noite e de fumar uns “baseados”, acabou desistindo no meio da jornada em assentamento). A que mais doeu na vida de quem já passou noites inteiras, na boêmia da escritura de uma tese, realmente foi o toque de recolher e de se calar às dez horas da noite. Esta foi braba!

Sem luz elétrica, os violões e as vozes rompiam a barreira do som, mas, impreterivelmente, alguém anunciava a hora do silêncio e a moçada que aproveitava o campo bucólico, sob a luz das estrelas mal tinha a chance de namorar. Uma das noites, após o toque de recolher, houve um grupo que pediu licença à equipe de segurança para estudar as galáxias ou, parnasianamente falando, “ouvir estrelas”. Eles permitiram, desde que se ouvissem as estrelas sussurrando.

O pior é que rolou um papo sobre a seqüência desse grupo interdisciplinar na Universidade Federal de Santa Catarina que se arrodilhou na sociologia da cultura e não houve meio de engatar os discursos díspares sobre o ser humano corrompido pela sociedade ou intrinsecamente impuro que desandaria qualquer tentativa de sonho comunitário que ali nas nossas fuças se tentava... Sem resolver este enigma de séculos de reflexão, eu resolvi aceitar o toque de recolher, com um certo atraso mas consciente de que, se na tarimba eu não encontrasse a solução, pelo menos eu teria a tarimba de não comprometer minha ficha corrida de estagiária, perturbando o silêncio alheio com elucubrações.

Os banhos podiam ser com bal-

des nos banheiros dos núcleos onde fazíamos a alimentação. Para mim balde d'água na cabeça, lá vai Maria, não era problema, o difícil era restringir-me ao banheiro carregado de varejeiras. Impensável!

Optei pelas zonas de lavagem de roupa onde havia cochos ou tanques que vinham das nascentes por mangueiras. Ao ar livre o banho tinha que ser de maiô ou biquíni. Quando o dia estava mais quente havia a opção das cachoeiras, um pouco mais distantes e aonde preferíamos ir em grupos. Nenhuma fantasia canhota poderia imaginar um balanço didático da oficina de Poesia no regaço de uma cachoeira geladinha. Pois teve disso, sim, lá no Oziel!

Logo no primeiro dia descobri que a vizinha, D. Maria Salvattori, conseguia cozinhar cuca no "jipão" — nome dado ao fogão de lenha. Era uma exceção no acampamento, eu sei. A maioria dispensava este hábito urbano de comer pão.

A partir do domingo, nós, os estagiários, tínhamos café da manhã na creche.

Água quente à disposição para o café solúvel e o leite em pó com bolachas. Tudo divino!

Ali pelas nove horas do domingo, foi tocado o arado e todos se foram para a Assembléia. Além dos líderes habituais no palanque, estava presente Vilson Fortin, ex-deputado do Partido dos Trabalhadores, com informes de Brasília e explicando a necessidade de todos repetirem as palavras de ordem do movimento, com os olhos pregados na bandeira vermelha do alto da árvore. O ato de fé se devia à

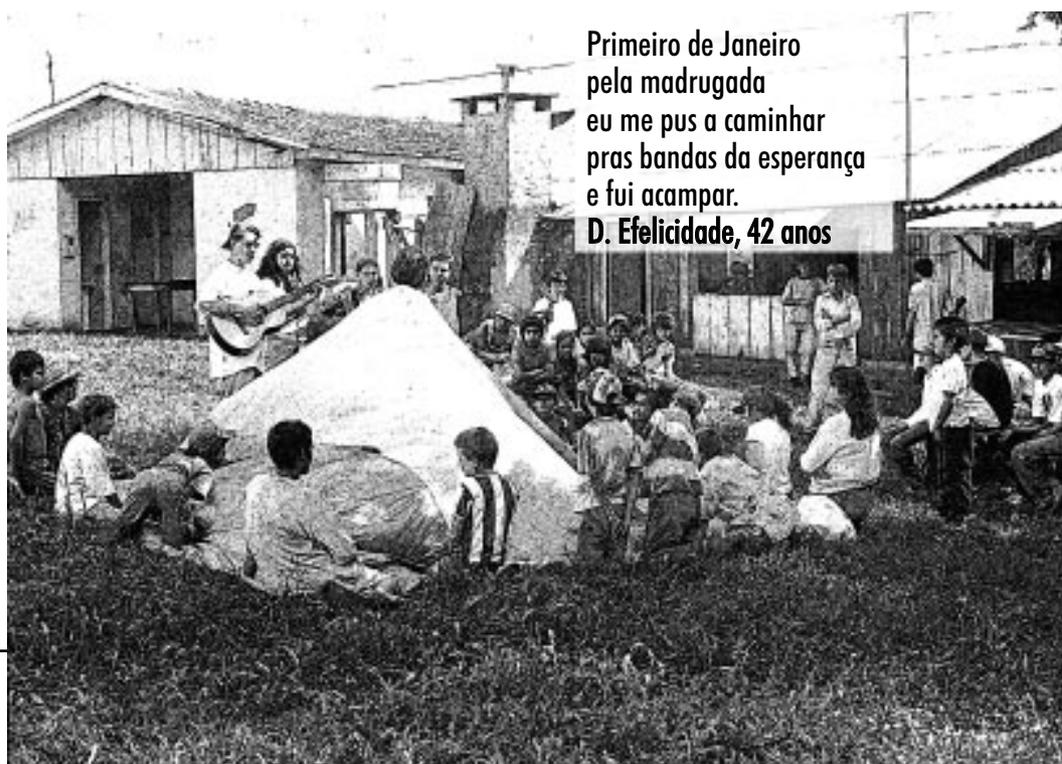
presença de uma equipe de filmagem do diretor Pena Filho que preparava um documentário sobre o MST. O olho na bandeira, os facões ao alto, os ancinhos e a bandeira no olho. No alto os facões e "a luta é pra valer" perdurou por umas vinte vezes num perfeccionismo que exasperava quem não estava habituado a estúdios de TV.

Às dez, naquele domingo de véspera, eu teria reunião com os estudantes interessados em ser monitores de minha oficina *Poesia Viva*. Apareceram cinco estagiários: Gustavo, do Jornalismo, grudado na namorada de corpo bronzeado e um olho de madeira: seu violão. Renata, aluna de História, empolgada por teatro e viva no trato com os piás. Heitor, professor de Geografia, que, por falta de meios de transporte não poderia trabalhar em Calmon numa pesquisa sobre os assentados e, por ser meio poeta, preferiu ver o que dava com a minha oficina. Beto, aluno de Economia, fotógrafo nada desprovido de estilo, entrou para tirar umas fo-

tos e acabou virando parte integrante. Finalmente, Luzia, aluna de Educação Artística, que se dividia entre a minha oficina e o estudo das minhocas, mas acabou dando sua contribuição no encaminhamento dos trabalhos.

Nesse dia expliquei-lhes meu projeto e conjuntamente fomos montando as aulas dia a dia. Aos poucos a equipe foi se firmando em papéis definidos e coube ao Heitor a responsabilidade pelas anotações e organização geral das aulas; à Renata, os exercícios de mímica e voz. Luzia se ocupou do relaxamento e expressão corporal. Beto, da coordenação de grupos menores, das fotos e filmagem, e Gustavo se encarregou da sonoplastia que criava o encantamento para o ato de falar um poema ou de motivar a platéia para ouvir com atenção. A mim cabiam a seqüência dos trabalhos, o ritmo e as propostas ligadas à palavra propriamente dita.

Assim como o acampamento Oziel desejou a oficina de *Poesia Viva*, relegou-a à andança. A ofici-



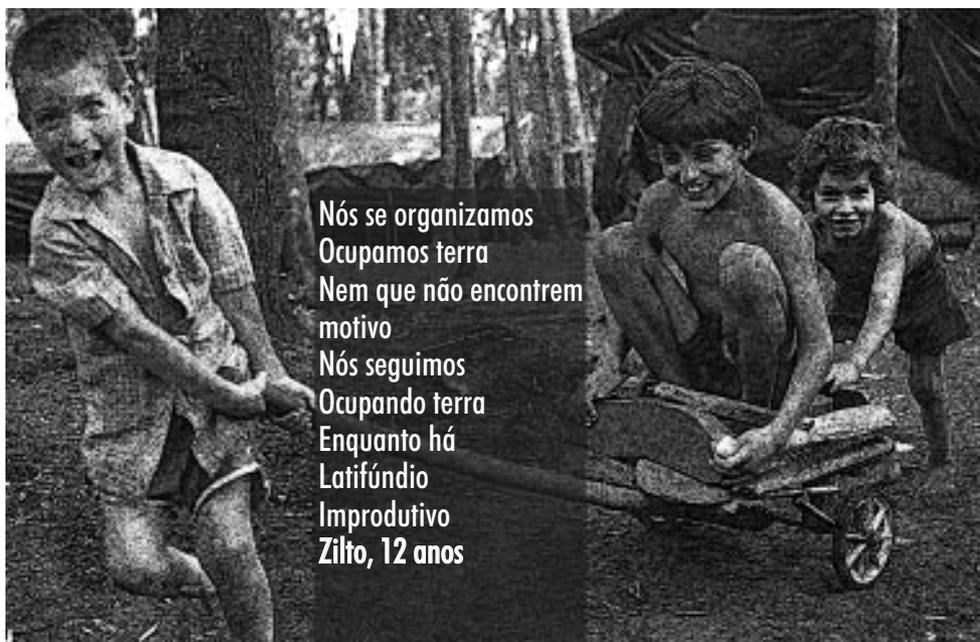
Primeiro de Janeiro
pela madrugada
eu me pus a caminhar
pras bandas da esperança
e fui acampar.
D. Efelicidade, 42 anos

na da palavra precisava andar para se instalar. No MST, a poesia virou um misto de caminhada, ocupação, anarquia, circo e animação. Há muito sinto a poesia como uma necessidade corporal, mas com o MST fui senti-la nos pés. E me lembrei da teoria lorquiana do “duende”.

Federico García Lorca, poeta e dramaturgo andaluz, tinha uma teoria para distinguir as grandes dançarinas do flamenco: eram as que sugavam a seiva da terra, seu componente mais fecundo e o traziam através dos pés. “Ter ou não ter duende” virou uma forma de caracterizar um momento catártico na dança, na voz ou no teatro, na Espanha republicana (1930/1936). Pois é. No último dia meu calo não era nas cordas vocais mas nos dois lados dos pés. Se tive ou não duende, não sei, mas como andei nessa poesia!

Os sem-teto éramos nós, da oficina de Poesia porque como os espaços centrais do acampamento já estavam ocupados com Educação, Saúde Pública, Nutrição e Educação Ambiental, não sobrou barraco para a minha oficina. Além disso, como no projeto eu incluía os adolescentes de 12 anos em diante, a organização determinou que eu trabalharia em outro acampamento — o Primeiro de Janeiro, de recente ocupação. Aceitaram inscrições de crianças de dez anos em diante levando as inscritas do Oziel para lá.

No primeiro dia lá fomos nós, os monitores e 24 crianças a partir de dez anos numa caminhada de quatro quilômetros e meio entre



Nós se organizamos
Ocupamos terra
Nem que não encontrem
motivo
Nós seguimos
Ocupando terra
Enquanto há
Latifúndio
Improdutivo
Zilto, 12 anos

morros de soja e florestas úmidas de imbuia e canela. Íamos todos alinhados porque as crianças tinham de atravessar o asfalto e isto demandava ordem e atenção. A bandeira vermelha era o guia e em geral eram os meninos que se revezavam com os dois adultos na tarefa de mantê-la no alto tremulando.

A chegada no acampamento foi um fuzuê. Todos vieram para a “Assembléia” sem o toque do arado, só para ver aqueles seres estranhos e os do lado de lá da pista. Ao todo, o grupo formado era de quarenta e uma crianças e mais o dobro disso espiando o que iria acontecer.

Aula de poesia ao ar livre e com tantas crianças virou unicamente jogo. Ficamos das duas às cinco da tarde, só interrompendo devido à iminência da chuva. A perspectiva de tomar um banho era menos pior do que ficarmos presos ali sem a nossa imprescindível lona preta. Lá fomos nós subindo o morro da soja de um lado

e a cerca do outro. Melhor deixar logo o bosque porque havia relâmpagos! Corram crianças!

Ah! Esqueci de dizer que eu não pernoitava no Primeiro de Janeiro, porque como ele havia sido ocupado no “reveillon”, os pistoleiros ainda gostavam de pipocar suas armas à noite a torto e a direito. A verdade é que meu tempo de heroína já havia ficado bem para trás e entre a épica e a lírica, fazia tempo que optara pela segunda.

O fato é que no dia 26 nos banhámos nas águas das palavras que caíam do céu em forma líquida... Andréia, de onze anos, tremia tanto que, além da bolsa e da pasta, resolvi abraçá-la para esquentar um pouco aquele corpinho liso. Não sei se o abraço pesou, ou a caminhada aguada, eu não sei, o certo é que, embora inteira, Andréia não voltou mais à oficina de Poesia. Em meio a uma perda, o grupo foi crescendo em tamanho.

No dia 27, decidimos que as equipes dos dois acampamentos

iriam se encontrar num bosque ao lado de um campo de futebol, perto do asfalto, quase no meio do caminho. Escolhemos a área e a ocupamos. Ali, para dissolver a idéia simplista de um antagonismo entre proprietários e sem-terra, o grupo da oficina (que não era menor do que cinquenta pessoas, entre adultos e crianças) recebia refrigerante de graça, num bar ali próximo, pago por um mecenas, dono de uma granja ao lado do acampamento Oziel. Num dos dias ele também pagou um risoto para todos, com salada de tomate, coisa que raramente as crianças tinham no acampamento.

Na oficina renderam os exercícios de expressão corporal, os jogos de memória (palavra-puxa-palavra), os instrumentos musicais inventados pelos piás. O melhor foi descobrir o “berrante” da abóbora, planta que abundava no Oziel. O som era intenso e efêmero. Assim como a flor murcha fora da raiz, o caule também murchava e bem na hora de testá-lo para o “Passa boi/passa boiada” do poema de Manuel Bandeira, descobrimos mais esta. “Berrante” de abóbora tem um defeito, murcha!

No terceiro encontro, do dia 28, eu havia dado a tarefa de criar poemas a partir de consoantes repetidas como “p”, “m” ou “s”, tentando trabalhar a idéia de sonoridade que não se limitaria à rima mas também levaria em conta a aliteração.

A maioria levou sua trova. Um deles. Dilceu Schmidt, com a ajuda do pai, escultor de aves e santos, criou uma paródia ecológica

com a música de “Asa Branca”. Algumas delas falavam da vida de “acampadinho”. Professavam, em geral, a fé na luta. Poucos vieram com as trovinhas populares “lá atrás daquele morro...” Mas gostaram de ouvir a própria voz. Fazíamos eco, orações e as palavras se repetiam pelo prazer da oralidade. O templo era a poesia (ou o que para eles era essa arte).

Houve poucas imposições. A idéia era deixá-los livres para criar seu mundo e sua estética, já que a mídia ali chegava tão pouco. Aquele sonho do acampamento e da Poesia me levou a um outro sonho, o de Cuba, uma ilha agora em ruínas pelo bloqueio, mas coalhada de poetas pelos quatro cantos daquele terreno em forma de “jacaré”. Inevitavelmente, o desejo cria poesia quando ultrapassa o limite biológico.

Nos dois últimos dias, trabalhamos os poemas nos painéis em papel pardo ou cartolina com desenhos das crianças e, munidos desses materiais visuais, fizemos apresentações nos dois acampamentos. No dia 29 foi tocado o arado, pela

primeira vez para chamar os acampados para um ato poético. Nos palanques, estendemos o pano colorido de vinte metros com buracos para o encaixe das cabecinhas no momento em que cada um (criança ou adulto) fosse falar seu poema. Os pais se emocionaram como em qualquer escolinha urbana de classe média. Alguns poemas eram originais, outros receberam ajuda de algum pai “meio poeta enrustido”, segundo os piás mesmo confessaram. Outros preferiram decorar texto apresentado na oficina, mas o importante foi o momento de comunhão coletiva em que se reconheciam adultos e crianças num espaço lírico.

Há algo de novo no projeto? Só a andança do mundo urbano para o rural, de criação de um laivo de arte na vida precária dos que vivem à espera da terra, da ampliação do leque de possibilidades que a Universidade que se permite também acampar fora do campus oferece.

Alai Garcia Diniz é professora adjunta do Departamento de Linguas e Literaturas Estrangeiras/ UFSC

**O MST vem lutando por terras para ajudar dos sem-terra a ter um pedaço de chão para ter a sua casa e sua terra pra plantar.
Edenilço Felix Colpo, 12 anos**

